



Os filmes sobre chineses: quem pode atirar a primeira pedra?

L — Talvez seja necessário ser chinês para entender as críticas que o governo de Pequim tem feito ao documentário “A China”, de Michelangelo Antonioni. Para o espectador estrangeiro que viu o filme (atualmente sendo levado em Paris), fica a impressão geral de que dificilmente um cineasta ocidental poderia tratar a China e seu povo com mais respeito do que Antonioni.

Antonioni, nas explicações que acompanham a exibição do filme nos cinemas, coloca-se numa posição de humildade diante da grandeza e da complexidade da China, sua história e sua gente, e revela que abandonou qualquer pretensão de fazer um documentário sobre o país assim que chegou lá. Em contato com a realidade chinesa, preferiu mostrar na tela, com uma simplicidade e um despojamento inéditos entre os cineastas da moda, as pessoas: rostos, sorrisos, gestos, a rotina do trabalho, da ginástica, da escola e da convivência social. Ele próprio

explicou que não pode ser outra, nas circunstâncias, a reação de um intelectual ou de um artista do Ocidente em contato com um país onde nem os nossos gestos físicos encontram uma correspondência ou proporcionam um diálogo e onde ele mesmo, durante seu trabalho, encontrou pessoas que jamais, em sua vida, haviam visto um ocidental ou sofrido qualquer influência do Ocidente. Antonioni em nenhum momento do filme tentou **explicar** a China, e as informações que ele fornece sobre o que está sendo filmado (o próprio diretor é o narrador) frequentemente demonstram profunda admiração. Ele limitou-se, como um viajante respeitoso, discreto e contidamente emocionado, a registrar impressões com sua câmera, volta e meia submetido às limitações dos guias oficiais que o acompanham. E dessas impressões formou um todo que, no final, questiona não o que foi filmado, mas uma série de valores de quem está na plateia. (RAS)

2 Parece que o senso de humor não é uma virtude oriental. Talvez nem mesmo dos que estão ironizando a atitude da China porque protestou contra o filme “Os chineses em Paris”. Imagine que ela quer que Pompidou acione a censura para impedir a projeção do filme. Ora, a censura francesa está ocupadíssima em cortar os filmes que falam sobre franceses. Mas, como aos chineses falta isso que se convencionou chamar de “linguagem internacional” — um misto de cinismo ideológico com faturamento — a ingenua atitude parece desproposita. Mas seria bom então lembrar: ainda hoje, depois de 15 anos, os franceses censuram os filmes sobre a revolução argelina — logo eles, que se especializam num tipo de virtude chamada “liberdade de expressão”. (AA)